

O último BILIONÁRIO SOLTEIRO

PIPPA GRANT

Tradução
JOSÉ REMELHE

Introdução

O ÚLTIMO BILIONÁRIO SOLTEIRO

*Um romance simulado entre dois polos opostos –
um é bilionário*

«Emocionalmente indisponível» é uma expressão que nem de longe descreve o meu novo namorado fictício. Ele é frio e distante. Tem mais defesas do que um silo de mísseis nucleares. E é o melhor partido do século. Pelo menos a julgar pela sua conta bancária.

A minha tarefa é simples: manter os familiares casamenteiros de Hayes Rutherford e todas as demais interessadas longe do misterioso e distante herdeiro do meu império cinematográfico preferido, fingindo ser o seu grande amor. Em troca, ele não arruinará a minha vida por causa de um pequeno e insignificante mal-entendido.

Porém, quanto mais tento derrubar as defesas de Hayes, mais me apercebo de que, embora possamos pertencer a mundos diferentes, temos mais em comum do que qualquer um de nós esperaria. O homem por detrás de toda a ostentação, do charme e dos sinais de riqueza, pode ser o verdadeiro amor da minha vida. Mas sabem o que se diz sobre ter um bilionário como namorado fictício: é só diversão até os escândalos começarem a aparecer.

Pippa Grant

O Último Bilionário Solteiro é um romance *sexy* e divertido sobre uma mulher a precisar de pensar mais com a cabeça, um homem a precisar de pensar mais com o coração e um cão fofo e casamenteiro... que se certifica de que estes dois pombinhos, que se detestam, nunca têm roupa à mão quando saem do banho.

Capítulo 1

Hayes Alexander Rutherford, também conhecido como um bilionário que daria a sua fortuna para nunca mais ver uma mulher solteira na vida

Há precisamente uma coisa que um homem deseja depois de dois casamentos, um funeral, uma saída de carro pela calada da noite e um lamentável incidente que envolveu o atropelamento de um animal, e não é mais drama.

Nunca é mais drama.

Ou mais pessoas.

Ou uma completa e total catástrofe num sítio que deveria ser um porto de abrigo.

Porém, em vez de me meter na cama no meu refúgio privado numa pequena ilha ao largo da costa do Maine, com as portas duplas da varanda do meu quarto abertas para ouvir o barulho das ondas do mar a enrolar na areia enquanto me deixo cair no esquecimento irracional para recuperar das últimas semanas, deparo-me com um problema.

Tenho tanta certeza de que alguém forçou a entrada na minha propriedade como de o Sol estar a romper as nuvens no horizonte à medida que se ergue sobre a água.

A porta dos fundos da casa principal está destrancada, as luzes acesas, há pratos sujos e roupas espalhadas por todo o alpendre, alguém deixou uma pilha de desperdícios manchados de tinta à porta da lavandaria e a porta do frigorífico está escancarada.

Pior?

Tenho *cheesecake* no frigorífico.

Cheesecake, vinho rosé – não, se é *rosé*, pouco me importa de que tipo é –, três embalagens de bolinhos de manteiga, dois recipientes de esferovite de sabe Deus o quê, um enorme bife cru, um frasco de molho *Tabasco* e uma barra de manteiga. Tudo isto dentro do frigorífico que *deveria* estar com as portas fechadas, mas não está.

Meto a mão no interior do frigorífico. Está à temperatura ambiente.

A garrafa de vinho já nem sequer está ressuada, o que quer dizer que as portas estão abertas há tanto tempo que o maldito frigorífico deixou de funcionar.

Pior?

Isto quer dizer que quem forçou a entrada em minha casa estragou o *cheesecake*.

Como é que o *cheesecake* é o pecado mais insigne do meu intruso?

Dói-me a cabeça. Tenho o corpo rígido e dorido. Posso ter um traumatismo cervical, decididamente cheira-me um pouco a doninha, estou exausto e alguém – um *alguém* não autorizado que não deveria estar no meu santuário depois de tudo pelo que passei para chegar a este sítio sob anonimato e sem ser visto – está a deixar *cheesecake* estragar-se no meu frigorífico com as portas abertas.

Este não deveria ser o erro mais horrível da manhã, mas aqui estamos.

Estou a ficar rapidamente tomado por uma fúria irracional por causa do *cheesecake* estragado.

Com uma mão no telemóvel, a outra a apertar com força o meu arrependimento por ter dispensado os seguranças, atravesso a sala de estar rumo às escadas. Ouço umas notas de música a tocar algures no piso de cima, há pegadas de lama no chão de madeira – humanas e de um animal – e, dependurado no corrimão, um casaco *bordeaux* com um cachorro-quente soridente bordado.

A situação continua a piorar.

Por amor de Deus, Hayes, chama a polícia, diria a minha mãe. Tu já não és o partido que o teu irmão foi. Não estragues a pouca beleza que ainda tens a confrontar os salteadores.

Basta isto para ser eu próprio a tratar do assunto.

Se fosse um pouquinho mais feio, talvez as solteiras caçadoras de fortunas das quais parece que não consigo escapar se sentissem menos inclinadas a piscar-me o olho.

Não que a sua atenção tenha *algo* a ver com a minha aparência.

Quem precisa de ser bem-parecido quando tem a conta bancária tão recheada como eu, e quando a mãe é tão encorajadora como a minha? Desde que tenha a linhagem certa e cumpra os seus padrões, claro está.

Sinto um cheiro adocicado e inesperado, nada parecido com um *cheesecake*.

É um perfume que me faz comichão no nariz. A julgar pelo crescente volume da música que ecoa – será o tema *I Will Survive?* – e pelos uivos de alguém a acompanhar, acho que não vou encontrar aqui o meu administrador de imóveis a aproveitar-se da minha ausência para viver à grande e à francesa.

Embora não o conheça lá muito bem, tenho a certeza de que não é do tipo de gostar de músicas que advogam a defesa dos direitos das mulheres, o que significa que vou encontrar o meu ocupante ilegal na casa de banho.

Sigo pelo corredor até ao meu quarto e pressiono o trinco com cuidado. A porta abre-se com facilidade e sem fazer barulho, deixando anteversa outra barafunda de roupas espalhadas pelo meu quarto e aumentando drasticamente o volume da cantoria. Há dois sutiãs dependurados no espelho por cima do meu armário. Uma caixa de tampões jaz aberta no chão do lado de fora da casa de banho. Há quatro pares de sapatos enlameados espalhados pelo chão, perigosamente perto do tapete turco debaixo da minha cama.

Mas a desarrumação não é nada comparada com a cantoria.

Santo Deus, a cantoria.

Não é um ser humano que está no meu quarto. É uma hiena presa na desajeitada fase da puberdade, a aspirar por um balão de hélio, e depois a desatar tudo numa interpretação desafinada da pior música de *karaoke* do mundo.

Não está a ajudar a dor de cabeça.

Não está a ajudar o extremo cansaço da viagem que fiz para chegar aqui furtivamente.

Não está a ajudar o meu desejo de estar completamente só, isolado do mundo, longe das intriguistas figuras do *jet set*, da minha mãe, de bolos de casamento, de flores de funerais e do peso de gerações de expectativas que me caíram em cima dos ombros agora que sou não só o novo diretor financeiro da empresa da minha família, mas também, de uma forma bastante rápida e inesperada, o último bilionário não casado com menos de 83 anos no planeta inteiro.

Seria de pensar que ter quase 40 anos me daria toda a liberdade de que preciso para dizer a *qualquer pessoa* que se intrometesse na minha vida pessoal para se ir foder, mas a fortuna da minha família começou com desenhos animados para crianças na década de cinquenta e continuou com a produção de filmes para toda a família, programas de televisão, redes de *streaming*, parques de diversões e *merchandising* de marca, continuando nós a ocupar um lugar de destaque como a família de sonho moderna.

Somos o epítome da perfeição.

Os Rutherfords *não* se envolvem em comportamentos escandalosos em público, nem sequer em pequenas transgressões que envolvam um descuido verbal, por muito que, às vezes, eu gostasse de subir à Brooklyn Bridge e gritar um sonoro *foda-se*.

E se penso que as tentativas dos meus familiares de me apresentarem dezenas de mulheres que serão a próxima *mulher dos meus sonhos* são irritantes, isso não é nada em comparação com a intimidação de que seria alvo por não estar à altura do nome da família.

A música muda e a minha ocupante ilegal lança-se num acompanhamento desafinado do tema *thank u, next*.

É cedo demais para se ouvir a Ariana Grande e a sua adorável voz *afinada*, quanto mais uma hiena pubescente cheia de hélio *desafinada*.

Avanço dois passos no meu quarto e avisto a minha intrusa pela frincha da porta do quarto. Mais três passos e consigo vê-la nitidamente.

Por assim dizer.

Tem o cabelo embrulhado numa toalha azul-escura, o meu roupão de seda preta pelos ombros, a cara coberta de *alguma coisa* verde e tem uma perna apoiada na beira da minha banheira elegante onde está...

Meu Deus, digam-me que *não* está a fazer o que penso.

Uiva a acompanhar a letra da música que francamente não comprehendo e que também não parece ser a letra que deveria estar a uivar ao mesmo tempo que dá um forte puxão que interrompe por momentos a cantoria quando dá um grito de dor.

Está a fazer o que penso.

Está a fazer a depilação das virilhas com um pé pousado na beira da minha banheira de mármore, a usar o meu roupão.

O atrevimento desta mulher.

A invadir a minha casa.

A deixar lixo e pratos sujos e roupa encardida por tudo o que é sítio.

A mostrar o maior desrespeito pelo *cheesecake*.

E metida na minha casa de banho a tratar da higiene pessoal enquanto destrói músicas já de si de qualidade questionável.

Isto tem de acabar.

Já.

Transponho o vão da porta, preparado para a pôr ao ombro e atirá-la da varanda.

– Mas que *raios* pensas que estás a fazer?

Ela roda sobre os calcanhares, dá um grito e depois, com uns reflexos próprios de um ninja, agarra um frasco de champô de tamanho industrial, que *também* está pousado na beira da minha banheira, e atira-o contra a minha cabeça.

– Para! – ordeno.

– Intruso! – grita por cima da música infernal. – *Marshmallow!* Ataca! – Pega numa toalha e atira-a também contra mim.

Esquivo-me com facilidade, embora o meu corpo fatigado preferisse não ter de o fazer.

– *Para*.

Pelo amor de todos os filmes da Razzle Dazzle que alguma vez foram feitos, porque foi que escolhi o dia de hoje para dar folga à minha equipa de segurança?

O roupão dela – o *meu roupão* – está entreaberto, deixando ver uma pele macia, uns seios sensuais e uma *coisa* meio depilada, mas o seu estado de falta de decoro não a impede de correr para o meu toucador, agarrar num tubo de pasta dos dentes e atirá-lo contra mim.

– Gatuno! Assassino!

Dou três passos na direção dela e uma escova de dentes elétrica vem a voar para mim.

– Quem diabos pensas que és?

– Socorro! – grita. – *Marshmallow!*

Desvio-me para não levar com uma caixa que ela atirou. Mas que caralho vem a ser um *marshmallow*? Será ela uma perversa? Será aquilo uma palavra de código?

Pensará que eu sou um *stripper*? Ou um acompanhante?

E eu a pensar que a situação não poderia piorar.

Pega no toalheiro que está em cima do toucador, mas eu chego primeiro a ela e arranco-lho da mão antes de ter tempo de o atirar contra mim, e depois prendo-lhe as mãos para a impedir de causar mais estragos.

– O que – digo, expirando para a cara dela coberta de uma gosma verde – estás a fazer em minha casa?

Ela sacode o pulso com um movimento rápido, baixa-se e liberta-se, correndo para o roupeiro.

– Esta casa não é tua!

Estará a fazer joguinhos com pormenores técnicos? Valha-me Deus, odeio falar com pessoas quase tanto quanto odeio ainda ter de gritar para me fazer ouvir por cima desta música infernal.

– *Tua* é que não é, caralho. – Ups. Lá estou eu com os *caralhos*. Desculpa lá, mãe. – O que fazes aqui?

– *Marshmallow!* – berra. Está a rodopiar, a murmurar algo sobre haver *demasiadas portas*, a toalha do cabelo inclinada, o roupão

completamente aberto e a deixar-me ver mais do que aquilo que hoje quero de qualquer mulher, e por fim comprehendo.

Medo.

Ela está com medo.

Estás lento, Hayes?

Resmungo entredentes, cerro os punhos com as mãos dentro dos bolsos e encosto-me à porta do guarda-roupa, obrigando-me a acalmar-me e a olhar para ela como se fosse um problema de matemática e não como uma bola de carne de emoções agarrada a um secador de cabelo e a fazer pontaria para mim com ar de quem me quer atirar porta fora.

– Quem és tu? – Para que conste, tenho uma dificuldade enorme em manter a voz firme. Esgotei a última gota das minhas competências interpessoais ao fim de cinco minutos no casamento do meu irmão a noite passada e tive de passar mais seis horas a fingir. Hoje, não estou com pachorra para esta mulher, mas ela está a impedir-me de ter o meu tempo sozinho.

Ela baloiça-se sobre os calcanhares, a toalha a pender, o roupão a balançar, o secador de cabelo ainda apontado para mim. A gosma verde que tem na cara começa a ficar com manchas, como se a transpiração estivesse a permear a máscara.

– Arrendei esta casa legitimamente e tu tens de te ir embora.

– Esta casa é *minha* e não a arrendei a *ninguém*.

– Prova-o.

Provo-o?

– Não fazes ideia de quem sou, pois não?

– Estás a gozar? – murmura. – *Outro? Marshmallow!*

– Para de gritar *marshmallow*. Que diabos...

É a última sílaba que profiro antes de perceber o que é um *marshmallow*.

É um cão.

Um cão de guarda enorme, preto e castanho, de focinho afilado, orelhas em bico, a rosnar com os dentes à mostra. Tenho a sensação de que estou prestes a ser o seu pequeno-almoço.

Este dia não pode mesmo piorar.

Capítulo 2

Begonia Fairchild, também conhecida como uma mulher que gostaria de parar de lamentar todas as decisões da sua vida. Há de acontecer. A sério...

Faz um retiro pós-divórcio e mima-te num sítio sem Internet ou rede móvel para a tua mãe não conseguir contactar-te durante duas semanas, disse para comigo. Olha, acabou de ficar disponível para arrendamento uma mansão adorável à beira da praia, miraculosamente dentro do teu orçamento. Tem de ser o destino, disse para comigo.

E foi.

Durante dois gloriosos dias. Agora?

Agora, estou a interrogar um intruso enquanto o meu cão o encosta a um roupeiro embutido, sem rede para chamar a polícia, e com a certeza absoluta de que, a qualquer momento, o meu cão deixará de rosnar porque, na realidade, é o pior cão de guarda do mundo, e a derradeira vantagem que tenho sobre este invasor assassino esfumar-se-á.

– Quem és tu? E não me venhas com uma daquelas tretas arrogantes do género *deverias saber quem sou porque sou muito importante* – ordeno ao homem que está neste momento como refém do meu cão entre as prateleiras de roupa a um canto de um enorme armário.

Que raio de casa de banho tem *quatro* portas diferentes?

Esta.

Este raio de casa de banho.

E não havia problema ontem, quando eu era a inquilina de uma mansão de praia com uma casa de banho tão grande que tem dois armários e uma sala de estar oculta privativa, mas hoje, quando tinha de tomar a decisão impulsiva sobre para qual das quatro portas me precipitar, fui pelo caminho errado e agora estou encurralada num armário com um intruso que está a fulminar-me com o olhar, como quem diz que *eu* é que estou fazer algo de errado.

Tenho duas armas à mão.

Uma é o secador de cabelo, que só mete medo a quem sofreu um curto-circuito e quase pegou fogo ao cabelo enquanto estava a usá-lo, a outra é o meu telemóvel, que não tem rede nesta casa – obrigadinha, plano mal pensado de *detox* de redes – e que, por fim, consigo silenciar dentro do bolso deste roupão, interrompendo a voz da Ariana Grande provavelmente com a mesma certeza de que este homem me vai assassinar.

– Chamo-me Hayes Rutherford e esta casa pertence-me. – Fala num tom calmo e controlado, e ostenta uma postura imperiosa que pode dever-se ao *smoking* – nota à parte, *quem é que força a entrada numa mansão numa ilha vestido com um smoking?* – ou poderá dar-se o caso de qualquer pessoa que se chame *Hayes Rutherford* transmita de forma inata um ar de importância.

Porque é que esse nome me soa familiar?

E porque é que o facto de alegar ser esse o seu nome me afiança de imediato que não me irá matar?

Provavelmente porque se planeasse matar-me, me diria que o seu nome é Freddy Krueger, Morte ou Chad, porque sabe Deus que eu tive a minha conta de Chad na vida. Tenho a certeza de que o universo enviaria um Chad para me assassinar.

Mas este homem – Hayes Rutherford – está a fitar-me com um ar expectante como se tivesse acabado de esclarecer todas as minhas dúvidas e, embora o tremelicar do queixo sugira que gostaria de me estrangular com o cabo deste secador de cabelo, o resto da sua expressão diz *estou farto desta merda*.

Não é *velho*. Talvez tenha trinta e muitos, quarenta e poucos no máximo, a julgar pelas rugas nos cantos dos olhos e pelos fios de

cabelo grisalhos a pontilhar os seus cabelos escuros. É evidente que está em boa forma física. Não tem barriga e as mangas arregaçadas da camisa deixam ver aquilo que, noutras circunstâncias, eu chamaría de pornografia de antebraço, a postura ereta, os tendões sob tensão no pescoço.

Além disso, tem uma madeixa de cabelo a cair-lhe sobre a testa larga como se estivesse farta de se comportar bem, ou talvez esteja, tão-só, a marimbar-se para tudo.

São uma e a mesma? Não sei.

O que sei é que, neste momento, deveria estar a deliciar-me com *cheesecake* ao pequeno-almoço e que se não tirar esta tinta do cabelo em breve, nunca mais ninguém me dirá *não te vi aí, Begonia*, porque o meu cabelo ficará tão brilhante que os astronautas o conseguirão ver desde Marte.

Como se essa fosse a minha maior preocupação quando *está um intruso a encurralar-me num armário*.

Se desatar a fugir, o *Marshmallow* pensará que estou na brincadeira e terei uma probabilidade de cinquenta por cento de conseguir passar pela porta antes de este Hayes Rutherford me atacar.

É então que se faz luz.

– Oh, meu Deus, *Hayes Rutherford*. Como o presidente, mas ao contrário. Os teus pais fizeram de propósito?

Ele pestaneja uma vez, lentamente, e fico com a impressão de que nunca ninguém lhe fez esta pergunta em toda a vida.

Nota para mim mesma: não fazer piadas com nomes de presidentes com um gatuno que pode estar a pensar em tornar-se homicida.

Outra nota para mim mesma: se estou a viver um filme de terror, de certeza que sou a primeira vítima. A rapariga fútil é sempre a primeira a morrer, o que é uma *estupidez*, porque eu não sou fútil. Estou a ter uma única manhã a mimar-me numa casa de banho luxuosa, o que aconteceu cerca de cinco vezes na minha vida. Refiro-me à parte de mimar-me, não à parte da casa de banho de luxo. Geralmente, mimo-me numa casa de banho com um terço do tamanho deste armário. Decididamente, é a primeira vez numa casa de banho luxuosa.

E uma última nota para mim mesma: a cada segundo que passa, tenho mais a certeza de que ele não tem planos para me assassinar, mas mesmo assim esta situação não me agrada.

Aos poucos, o *Marshmallow*, o meu pastor de shiloh, está a acalmar-se. Talvez me restem uns vinte segundos até este tal de *Hayes Rutherford* perceber que há mais probabilidades de o cão apagar as luzes e fechar a porta do que de o morder.

Pobre *Marshmallow*.

O melhor que ele consegue fazer não era propriamente o que pretendiam na escola canina para animais de assistência.

– Sim – diz por fim o *Hayes Rutherford*. – É isso mesmo. Os meus pais têm um sentido de humor presidencial.

– Estás a dar-me tanga.

Faz uma careta como se tivesse uma mosca a atacar-lhe o nariz.

– Como foi que entraste aqui?

– Com o código. Arrendei esta casa por quinze dias. E *tu*, como foi que entraste aqui?

– Onde arrendaste a casa?

Já mencionei que estou farta de homens? Porque estou *mesmo* farta de homens.

– Não respondeste à minha pergunta.

– Já respondi seis vezes à tua pergunta. A casa é minha. Onde foi que a arrendaste?

– Num *site* de casas para arrendamento de férias. E tu respondeste a essa pergunta *duas vezes*, o que não faz com que eu acredite mais do que à primeira. Como é que és o dono de uma casa de férias para arrendamento e *não sabes que é uma casa de férias para arrendamento*?

Outra coisa tremula nos seus olhos – irritação, creio – e, pela primeira vez desde que quase me fez ter um ataque cardíaco na casa de banho, comprehendo que a casa poderá mesmo pertencer-lhe e que há uma boa probabilidade de eu não dever estar aqui.

Dá a entender que o *Marshmallow* chegou à mesma conclusão. Inclina a cabeça, senta-se sobre as patas de trás e faz um último grunhido.

É um grunhido de como quem diz é *claro que deverias ter percebido que arrendar esta casa por cinquenta paus por noite era bom de mais para ser verdade, Begonia*. Deita-se e coloca uma pata debaixo do peito.

Olho de relance para as filas de fatos, camisas e calças de ganga muito bem organizadas em cabides no interior do armário. O toucador na casa de banho está cheio de roupa interior e meias de homem e a variedade mais divertida de calças de pijama. No piso principal, há um escritório cheio de livros e fotografias de família que não observei com muita atenção, porque parti do princípio de que seriam apenas ornamentais para complementar o aspetto chique do resto da casa.

Mas estará este homem nessas fotografias? Esta casa pertencer-lhe-á de verdade?

De facto, *pareceu-me* estranho haver roupas e objetos pessoais espalhados pela casa, mas, bem vistas as coisas, da última vez que arrendei uma casa de férias foi com mais quatro amigas da universidade, em Panama City Beach, e não foi uma mansão pretensiosa como esta. Fazia sentido que os destinos populares de férias da Páscoa tivessem o mobiliário mais frugal possível, considerando que seriam geralmente putos da universidade a juntar uns trocos para arrendar essas casas e que as casas de luxo em ilhas pitorescas ao largo da costa do Maine tivessem mais comodidades.

Mas pensando bem... *cinquenta paus por noite*.

Quando o *site* disse *vaga de última hora, negócio especial*, eu deveria ter percebido. Deveria *mesmo* ter percebido.

Estou... estarei aqui *ilegalmente*?

Enfim.

Queria uma aventura.

Parece que estou a tê-la, e que poderá dar direito a uma identificação fotográfica na esquadra da polícia.

A minha mãe vai adorar.

Mas *tenho um contrato de arrendamento de férias*. Não posso ser detida por invasão quando tenho a porra de um contrato de arrendamento.

Ou será que posso?

Serei responsável mesmo não sabendo que assinei um contrato fraudulento?

– Fazes o favor de pousar o maldito secador de cabelo? – resmunga.
– E, por amor de Deus, fecha o roupão.

Olho para baixo, dou um gritinho e depois levanto outra vez a cabeça com um movimento brusco enquanto faço pontaria com o secador para ele e tento fechar as abas do roupão com a mão livre. Estou para aqui com a vagina à mostra e pelo menos um mamilo de fora, virado para ele.

– *Vira-te para lá.*

Ele levanta os olhos para o teto. Eu fecho o roupão bruscamente, aperto o cinto, depois volto a apontar-lhe o secador.

– Como posso ter a certeza de que és o proprietário? Ou se apenas *conheces* o proprietário? Ou que não estás a sondar a casa para perceberes quando estará outra vez vaga?

– Descobriste-me a careca. Sou um assaltante. Sou o assaltante do *smoking* e só cometo crimes quando estou a usar o traje formal da noite anterior. O que devo levar primeiro?

– O sarcasmo *não* te assenta bem.

– Acho que não estás em condições de tecer comentários sobre o que assenta bem ou sobre a beleza seja de quem for.

Arquejo. Terá ele acabado de... Sim, foi isso *mesmo*.

Disse que sou feia.

– *Marshmallow*, morde-lhe os tomates.

O meu cão levanta a cabeça, morde a beira de umas calças de ganga, arranca-as do cabide e pousa-as aos meus pés.

O meu intruso – *Hayes* – faz outra vez aquela careta como se estivesse a ponderar sobre todas as más decisões que tomou na vida e que o conduziram até este momento.

Ou se calhar estou a projetar o meu próprio sentimento.

Mas será isto um mau momento? Tem de ser um mau momento?

– *Marshmallow*, sabes que essas calças não me servem. Se me queres ajudar a vestir, vai buscar alguma coisa à minha mala.

O meu cão sorri para mim. Este é o jogo predileto dele. *Olha o que eu sei fazer, mamã.*

O Hayes fecha os olhos com força e belisca a ponte do nariz.

– Quero ver uma cópia desse contrato de arrendamento.

Não há nada como ser um incómodo óbvio para um homem para uma mulher perceber que a sua intenção original não era o homicídio. Não estou a dizer que não seja capaz de o irritar tanto que ele me quererá magoar por outros motivos – o meu ex-marido diz que eu tenho um dom – mas de momento sinto-me estranhamente segura.

– Está num *e-mail* no meu telemóvel. E se tu não apareceres nas fotografias de família que há lá em baixo, chamo a polícia. Terei todo o gosto em esclarecer esta situação, mas preciso de uma demonstração de boa-fé. Tens de me deixar vestir e arranjar-me. Depois mostro-te o contrato.

Enruga o nariz.

Será por ter medo da polícia? Veio aqui para arranjar sarilhos? Será que as fotografias no andar de baixo não são fotografias de família? Não prestei muita atenção quando estive no escritório, porque não me pareceu bem trabalhar com os guaches numa divisão onde poderia provocar reais danos se o *Marshmallow* decidisse ajudar e, embora adore ver fotografias de família, parti do princípio de que seriam fotografias encenadas e não fossem da família *verdadeira* que aqui mora.

– Tens cinco minutos para te vestires e ires ter comigo lá abaixo com esse contrato de arrendamento, caso contrário quem chama a polícia sou *eu*, percebido?

– Vinte minutos.

– Cinco.

– Quinze.

– Cinco.

– Trinta.

– Três.

Tira o telemóvel do bolso, como se fosse telefonar para a polícia *neste* preciso momento e é quando o meu cão decide que é hora da brincadeira.

Eu apercebo-me em câmara lenta. O *Marshmallow* a fixar aquele telemóvel. O seu cérebro a dar-lhe a informação. *Brinquedo para morder! Brinquedo para morder!* Fica com um brilho nos olhos, abre a boca, agacha-se sobre as patas traseiras e, num movimento rápido, arranca-lhe o telemóvel da mão.

E lá vamos nós.

– *Marshmallow!*

O meu cão de quarenta e cinco quilos rodopia, lança-se para a frente e desata a correr pelo chão de alcatifa do armário para os ladrilhos da casa de banho, derrapa, equilibra-se e desaparece a correr a toda a brida.

E o Hayes Rutherford, o senhor Calças Chiques com os olhos raiados de sangue e um tremular no queixo e as narinas dilatadas e todo emproado – embora isso talvez não seja só culpa sua –, fulmina-me com um olhar que, há um ano, me teria incinerado ali mesmo, e depois desata a correr atrás do meu cão.